



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Aplicadas e Educação – CCAE
Departamento de Ciências Sociais Aplicadas – DCSA
Curso de Bacharelado em Ciências Contábeis

A Presença Indígena na Educação Contábil: um estudo de caso no Campus IV da UFPB

Área Temática: Educação Contábil

Pedro Thiago Rodrigues – UFPB – ppt_rodrigues@hotmail.com
Prof.º Dr.º João Marcelo Alves Macedo – UFPB – joao.marcelo@academico.ufpb.br
Prof.º Dr. Luiz Gustavo de Sena Brandão Pessoa – UFPB – gustavobrandao@bol.com.br
Prof.ª Dr.ª Edilane do Amaral Heleno – UFPB – edilane.amaral@gmail.com

RESUMO

A presença dos povos indígenas nas instituições universitárias é de importância significativa e em contínua transformação, espelhando o esforço, dos povos tradicionais, para garantir a inclusão e o reconhecimento das culturas indígenas no contexto do Ensino Superior. Essa participação pode ser vista como uma porta de entrada para o aprendizado estruturado, impulsionando a multiplicidade cultural e fortalecendo as próprias identidades indígenas. Este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada no curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal da Paraíba, Campus IV, que teve o objetivo de investigar os motivos que inibem ou incentivam os alunos indígenas a escolherem o curso de Ciências Contábeis como formação superior nesse contexto específico. A metodologia empregada na pesquisa foi mista, combinando métodos qualitativos e quantitativos. A amostra selecionada foi composta por alunos indígenas matriculados ou graduados no referido curso. Assim, a participação foi determinada considerando a disponibilidade e a adesão voluntária dos alunos à pesquisa. Ao final, a amostra totalizou onze participantes, sendo seis alunos e cinco egressos. Os resultados apontam que os indígenas do curso de Ciências Contábeis consideram a matriz curricular do curso como eficiente. Constata-se que os mesmos recebem apoio em suas necessidades como estudantes, contudo, há desafios, como a necessidade do curso promover mais atividades práticas, proporcionando interação com o mercado de trabalho e ações capazes de auxiliar nas dificuldades individuais. A partir disso, conclui-se que é necessária a formulação de políticas e programas educacionais na universidade, visando a redução das desigualdades e o fortalecimento da diversidade cultural no Ensino Superior.

Palavras-chave: Educação Contábil. Indígena. Mercado de trabalho.

1 Introdução

A presença indígena nas universidades é um tema relevante e em constante evolução, que reflete a busca por inclusão e valorização das culturas indígenas no Ensino Superior. Essa presença pode representar uma oportunidade de acesso ao conhecimento formal, promoção da diversidade cultural e fortalecimento das identidades indígenas. No entanto, também pode enfrentar desafios e desigualdades, como barreiras socioeconômicas, culturais e estruturais, além de questões relacionadas à representatividade e ao respeito à cultura indígena no contexto acadêmico (Unesco, 2018).

Uma das principais vias de acesso do indígena às Instituições de Ensino Superior (IES) são as Cotas, instituídas pela lei n.º 12.711/2012, constituindo-se uma política pública

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

R696p Rodrigues, Pedro Thiago.

A presença indígena na educação contábil : um estudo de caso no Campus IV da UFPB / Pedro Thiago Rodrigues.

- Mamanguape, PB, 2023.

21 f. : il.

Orientação: João Marcelo Alves Macedo.

TCC (Graduação) - UFPB/CCAIE.

1. Educação contábil. 2. Indígena. 3. Mercado de trabalho. I. Macedo, João Marcelo Alves. II. Título.

UFPB/CCAIE

CDU 657

que visa garantir o acesso e a permanência de estudantes indígenas no Ensino Superior. Essa medida foi adotada como uma forma de reparação histórica, uma vez que os povos indígenas sofreram diversas formas de opressão e exclusão ao longo da história do Brasil (IBGE, 2019; Brito, 2020).

A Universidade Federal da Paraíba possui um histórico de proximidade com os povos indígenas a partir de ações de ensino e extensão, que tiveram início a partir do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-brasileiros e Indígenas - NEABI/UFPB no ano de 1999 (CANTERO, 2020). Esse foi o marco inicial dos grupos de pesquisa e extensão que discutem questões indígenas na Universidade Federal da Paraíba, e, a partir deles, vários outros surgiram. Houve a forte atuação dos ligados ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) entre outros incentivos à iniciação científica com foco no povo indígena e em pesquisas sobre indígenas. Pode-se citar também o PET Indígena, o qual é o Programa de Educação Tutorial voltado para a população indígena, que atua fortemente no Campus IV da UFPB (UFPB, 2023).

Quando nos referimos ao curso de Ciências Contábeis, foco principal deste trabalho, percebemos que o número de alunos indígenas é bem reduzido. Conforme o Censo da Educação Superior de 2021, o curso de Ciências Contábeis, no Brasil, possuía 338.933 alunos matriculados, distribuídos em várias instituições superiores pelo país, ocupando a quinta posição no ranking de cursos com maior número de matrículas no Brasil e somando 3,8% do número de matrículas em IES no país (IBGE, 2021). Não se tem números que relatem a quantidade de indígenas dentre esses alunos, contudo, a pesquisa realizada para este trabalho também contou com uma investigação do quantitativo de alunos indígenas matriculados no curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal da Paraíba, Campus IV.

O referido curso é um dos mais procurados do Campus IV da UFPB, e possui uma quantidade considerável de alunos indígenas. Com essas informações reunidas, foi realizada uma comparação com dados de uma pesquisa realizada por Brito (2020) sobre a mesma temática, indicando o que melhorou e/ou piorou com relação às experiências dos alunos graduandos, ou graduados no curso de Ciências Contábeis da UFPB - Campus IV. Com isso, a questão que deu norte a este trabalho foi: quais os principais motivos que inibem ou incentivam o aluno indígena a escolher o curso de Ciências Contábeis do Campus IV da UFPB como formação superior?

O objetivo geral deste trabalho foi realizar um estudo de caso acerca da presença indígena no curso de Ciências Contábeis do Campus IV da UFPB, identificando na inserção, permanência e formação dos alunos egressos, os fatores que afetam ou contribuem em sua jornada acadêmica. Para isso foi analisado o ingresso dos alunos ao referido curso, as dificuldades encontradas no decorrer da formação, bem como a vida profissional após a sua inserção no mercado de trabalho.

Como objetivos específicos, a) Identificar os fatores que inibem ou incentivam a escolha do curso de Ciências Contábeis da UFPB, Campus IV, por parte dos alunos indígenas, identificando as expectativas dos recém-ingressos quanto ao curso, como também as principais dificuldades enfrentadas pelos veteranos durante a formação em Ciências Contábeis; b) Analisar a inserção dos alunos indígenas formados em Ciências Contábeis no Campus IV da UFPB no mercado de trabalho e comparar os resultados e conclusões desta pesquisa com os dados de uma pesquisa anterior, realizada por Brito (2020) sobre o mesmo tema, identificando as melhorias e/ou piorias ocorridas ao longo do tempo; e c) Propor sugestões e recomendações para promover a inclusão e valorização dos alunos indígenas no curso de Ciências Contábeis, visando a redução de desigualdades e o fortalecimento da diversidade cultural no Ensino Superior.

Este estudo se justifica devido a várias razões, entre elas está o meu reconhecimento

como indígena e cacique da Aldeia São Miguel na cidade de Baía da Traição. Integra o rol, minha vida estudantil no curso de Ciências Contábeis do Campus IV da UFPB, vivenciando desafios significativos que me inspiraram a explorar esta temática em detalhes. Um dos desafios mais prementes que enfrentei durante o meu percurso acadêmico foi a falta de transporte adequado da aldeia para a universidade. Essa limitação de acesso à educação superior é compartilhada por muitos membros da minha comunidade e por povos indígenas em todo o país. A falta de meios de transporte confiáveis e acessíveis limita o acesso à educação de qualidade, negando oportunidades de crescimento e desenvolvimento a pessoas que, como eu, desejam buscar o ensino superior.

Ademais, este trabalho busca a inclusão e valorização da população indígena enquanto estudante do curso superior, pois a presença indígena nas universidades é um tema de grande importância, representando a busca por inclusão e valorização de suas culturas no universo do saber científico.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Os povos indígenas no Brasil: uma breve contextualização histórica

A história dos indígenas no Brasil remonta a milhares de anos, sendo marcada por uma rica diversidade cultural e pela presença desses povos nas terras brasileiras antes mesmo da chegada dos colonizadores europeus. Os indígenas são considerados os primeiros habitantes do território brasileiro e desempenharam um papel fundamental na formação e na construção da identidade do país. No entanto, a história dos indígenas também é marcada por episódios de violência, discriminação e lutas por seus direitos, resultantes do processo de colonização e da expansão do Brasil como nação (Araújo, 2017).

A inserção do indígena na sociedade brasileira tem sido um processo complexo e desafiador ao longo da história. Desde o período colonial, os indígenas enfrentaram a violência e a exploração dos colonizadores, o que resultou em um afastamento forçado de suas terras e na perda de suas tradições e línguas. Com o tempo, muitos indígenas foram marginalizados e excluídos da sociedade dominante. No entanto, nas últimas décadas, há um movimento de reconhecimento e valorização das culturas indígenas no Brasil. Políticas públicas e organizações indígenas têm buscado promover a inclusão social e a preservação dos direitos indígenas, como o direito à terra, à saúde, à educação e à autodeterminação (Nações Unidas, 2008).

Há exemplos de indígenas que têm buscado se inserir ativamente na sociedade brasileira, ocupando espaços em diversos setores, como na política, na educação, nas artes e no ativismo social. Eles têm lutado para que suas vozes sejam ouvidas, reivindicando seus direitos e contribuindo para o enriquecimento da diversidade cultural do país (SILVA, 2018). Segundo dados preliminares coletados pelo Censo Demográfico 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população indígena brasileira foi contabilizada em 1.652.876 indivíduos. Esses números incluem a coleta de dados na Terra Indígena Yanomami, localizada nos estados de Roraima e Amazonas (IBGE, 2022).

Hoje, o órgão governamental que cuida da população indígena é a FUNAI (Fundação Nacional do Índio):

FUNAI é o órgão indigenista oficial do Estado brasileiro. Criada por meio da Lei nº 5.371, de 5 de dezembro de 1967, vinculada ao Ministério da Justiça, é a coordenadora e principal executora da política indigenista do Governo Federal. Sua missão institucional é proteger e promover os direitos dos povos indígenas no Brasil (ENAP, 2021).

Um ponto importante a ser destacado sobre a contextualização histórica dos povos indígenas no Brasil é a demarcação de suas terras. A lei de demarcação dos povos indígenas no Brasil é conhecida como Lei n.º 6.001, de 19 de dezembro de 1973, também chamada de Estatuto do Índio. Essa lei foi promulgada durante o período do regime militar no país. O Estatuto do Índio estabeleceu diretrizes e regulamentações para a proteção dos direitos e da cultura dos povos indígenas, incluindo a demarcação e a proteção de suas terras (BRASIL, 1973).

Essa lei foi um marco importante na luta pelos direitos indígenas no Brasil, por reconhecer a importância da preservação dos territórios indígenas para garantir a sobrevivência e a autonomia dessas comunidades. No entanto, é importante destacar que a demarcação de terras indígenas no Brasil é um processo complexo e ainda em andamento, enfrentando desafios e disputas até os dias atuais e que ainda constatamos na atualidade povos indígenas sendo diminuídos e comunidades extintas.

Desde 1500 até a década de 1970 a população indígena brasileira decresceu acentuadamente e muitos povos foram extintos. O desaparecimento dos povos indígenas passou a ser visto como uma contingência histórica, algo a ser lamentado, porém inevitável. No entanto, este quadro começou a dar sinais de mudança nas últimas décadas do século passado. A partir de 1991, o IBGE incluiu os indígenas no censo demográfico nacional. O contingente de brasileiros que se considerava indígena cresceu 150% na década de 90. (FUNAI, 2013).

A demarcação e proteção dos territórios indígenas garantiram aos povos indígenas um local seguro para viver de acordo com suas tradições e crenças. No entanto, também houve um aumento significativo da população indígena em contextos urbanos, à medida que muitos indígenas buscavam melhores oportunidades de emprego e educação para suas famílias. Ao longo da história dos povos indígenas no Brasil, o reconhecimento de seus direitos e o respeito por sua cultura representam avanços significativos. Essa proteção resultou no aumento constante do número de indígenas em todo o país (ENAP, 2021).

No entanto, o acesso ao ensino superior para os indígenas no Brasil é um tema de crescente importância e complexidade, abrindo caminho para discussões sobre inclusão, diversidade e equidade educacional. No texto a seguir, serão explorados os desafios e avanços relacionados à educação superior para os povos indígenas no Brasil, considerando como as políticas governamentais e iniciativas sociais têm impactado suas oportunidades de acesso a esse nível de ensino.

2.2 O indígena e o Ensino Superior no Brasil

O acesso ao Ensino Superior no Brasil, de acordo com Cantero (2020), iniciou com a Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), a Universidade Federal de Roraima (UFRR) e a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Essas universidades foram pioneiras e desenvolveram uma série de ações, projetos e programas que contribuíram significativamente para o avanço da educação superior entre os povos indígenas. Vale ressaltar que essas ações tiveram apoio financeiro da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) e das próprias instituições de ensino, não sendo ainda financiados pelo Ministério da Educação.

A inserção do indígena nas Instituições de Ensino Superior (IES) superou diversas dificuldades. Historicamente, desde a colonização, há registros de ensino aos indígenas, mas foi entre as décadas de 1970 e 1980 que ocorreu, a partir de movimentos indígenas, uma transformação no pensamento e nas leis referentes à modalidade de ensino, considerando suas particularidades linguísticas e culturais (ENAP, 2021).

Mesmo assim, até o final dos anos 1990, o número de indígenas matriculados no ensino superior era bastante reduzido, conforme dados do Censo Demográfico do IBGE. Entretanto, nas

últimas duas décadas, houve um aumento significativo, chegando a mais de 72 mil matriculados segundo o Censo da Educação Superior (CenSup) de 2019. De acordo com esses dados, pode-se estabelecer uma comparação entre os anos de 2009, em que 8.411 indígenas estavam matriculados no Ensino Superior, e o ano de 2019, que chegou ao número de 72.086, demonstrando um considerável aumento (IBGE, 2019).

Nos últimos 20 anos, as políticas públicas brasileiras alcançaram conquistas significativas em termos de inclusão social, principalmente no acesso à educação superior para grupos historicamente marginalizados, como os povos indígenas. Uma dessas importantes conquistas é a aprovação da Lei das Cotas. Após 13 anos de tramitação no Congresso Nacional, o projeto de Lei 180/2008, que estabelece ações afirmativas nas instituições federais de ensino, foi aprovado e sancionado em agosto de 2012 pela Presidenta da República, tornando-se a Lei 12.711/2012. Essa lei estabelece a reserva obrigatória de vagas nas universidades e institutos federais considerando, critérios como frequência em escola pública, renda e cor/etnia (Baniwa, 2013).

Desde a implantação do sistema de cotas, houve um significativo aumento no número de indígenas matriculados em universidades. Ainda segundo dados do Censo da Educação Superior de 2019 (IBGE, 2019), foram registrados 5.733 estudantes indígenas matriculados em cursos de graduação no país. Isso representa um crescimento de quase 400% em relação a 2012, ano em que a política de cotas para indígenas foi instituída. No entanto, apesar dos avanços, ainda há muitos desafios a serem enfrentados. Muitos estudantes indígenas enfrentam dificuldades para se adaptar ao ambiente universitário, principalmente devido à falta de políticas específicas de acolhimento e de apoio pedagógico.

Além disso, há uma grande diversidade cultural entre os povos indígenas do Brasil, o que faz com que seja necessário o desenvolvimento de políticas de ação afirmativa que considerem as particularidades de cada grupo étnico. É preciso, portanto, que as universidades e as políticas públicas estejam atentas a essa diversidade e que busquem promover uma verdadeira inclusão dos povos indígenas no ensino superior. Dessa forma, a inclusão dos povos indígenas no ensino superior não se trata apenas de um número de matrículas. Esse avanço constitui um compromisso com a valorização da diversidade cultural e a construção de uma sociedade mais igualitária e justa, onde todas as vozes e perspectivas sejam ouvidas e respeitadas (ENAP, 2021).

Já para Amado e Brostolin (2011, p. 6).

A participação indígena cria condições para o estabelecimento do diálogo intercultural entre representantes indígenas e gestores públicos. Cada povo tem sua organização própria, pedagogia própria, costumes e tradições, lideranças e modos de resolver seus conflitos; assim não pode o Estado implementar uma política única que visa atender todos esses povos. Para tanto, terá que se valer de um diálogo intercultural que poderá ser realizado por meio da participação indígena na universidade e, até mesmo, através daqueles que já concluíram, visto que na sua trajetória tiveram que se “balancear” entre o conhecimento tradicional e o científico; entre a cidade e a comunidade; entre seu modo de ser e o modo de ser dos seus companheiros de sala; entre suas realizações pessoais e os anseios de sua comunidade.

Assim, participação indígena permite o diálogo intercultural entre representantes indígenas e gestores públicos. Cada povo tem sua própria organização, pedagogia, costumes, tradições e lideranças. O Estado não pode impor uma política única, sendo necessário o diálogo intercultural. Isso pode ser alcançado por meio da participação indígena na universidade, inclusive aqueles que já concluíram, por precisarem equilibrar o conhecimento tradicional e científico, a vida na cidade e na comunidade, bem como os seus interesses pessoais com os da comunidade.

O sistema de Cotas, conforme o Ministério da Educação, estabelece que as vagas reservadas para cotas, correspondendo a 50% do total de vagas da instituição, serão divididas em duas partes. Metade dessas vagas será destinada a estudantes de escolas públicas com renda familiar bruta igual ou inferior a um salário-mínimo e meio per capita, enquanto a outra metade

será destinada a estudantes de escolas públicas com renda familiar superior a um salário-mínimo e meio. Em ambos os casos, será considerado um percentual mínimo correspondente à soma de pretos, pardos e indígenas no estado, consoante o último censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essas subdivisões visam garantir uma distribuição equitativa das oportunidades, considerando tanto a renda familiar como a representatividade étnico-racial dos candidatos (MEC, 2012).

Essa garantia de acesso do indígena à universidade gera polêmicas ainda atualmente, em que várias pessoas consideram um privilégio, e que todas as pessoas deveriam ingressar na universidade por seus próprios esforços, e não mediante um benefício. Contudo, essas pessoas não consideram o caráter reparador das cotas, sua finalidade de reduzir as desigualdades de acesso e permanência às universidades públicas e privadas para a população indígena (Brito, 2020). Entretanto, em vários casos, a população que utiliza das cotas, receberam uma educação escolar desigual com relação a outros candidatos ao ensino superior, e com isso, o sistema de cotas trata equitativamente esse ingresso, entre todas as pessoas (Brito, 2020).

2.3. Os indígenas Potiguaras do Litoral Norte Paraibano e sua inserção no Campus IV da UFPB

Partindo para a população indígena que habita a região onde a pesquisa em pauta foi realizada, observa-se, de acordo com dados do Etnomapeamento dos Potiguaras na Paraíba, sob organização de Cardoso e Guimarães (2022), que no território entre Baía da Traição, Rio Tinto e Marcação há aproximadamente 19 mil indígenas habitando. Essa população se concentra nas áreas do Litoral Norte paraibano, entre os rios Camaratuba e Mamanguape. Para completar estes dados, Cardoso e Guimarães (2022, p. 17), observam que:

Um número não contabilizado de pessoas vive ainda em outras cidades como Mamanguape, João Pessoa e até mesmo no Rio de Janeiro ou no Rio Grande do Norte. O conjunto das aldeias constituem três Terras Indígenas (TIs) contíguas, perfazendo um total de 33.757 hectares. A TI Potiguaras (população de 8.109 pessoas), a TI Jacaré de São Domingos (população de 449 pessoas) e a TI Potiguaras de Monte Mór (população de 4.447 pessoas) (Cardoso e Guimarães, 2022, p. 17).

Essas terras são habitadas por indígenas potiguaras desde a chegada dos colonizadores, e a permanência desses povos no Litoral Norte da Paraíba ocorreu à custa de grande resistência às diversas investidas dos invasores que tentavam conquistar seu território. A história de ocupação dos territórios indígenas das cidades de Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição é longa, e em histórias mais recentes (Cardoso e Guimarães, 2022). Essa ocupação não foi pacífica, houve grande embates entre os povos tradicionais e a poderosa família Lundgren. A família é proprietária da Companhia de Tecidos Rio Tinto, que invadiu e destruiu ambientes indígenas, como drenagem de águas de lagoas, derrubada de matas, abertura de estradas, entre outras investidas contra o território potiguaras (Cardoso e Guimarães, 2022).

Chamados de catadores de camarão ou pescadores de camarão, os Potiguaras têm uma longa presença no litoral norte da Paraíba, documentados historicamente desde o ano de 1501. Os Potiguaras são membros da família linguística Tupi. Atualmente, utilizam o idioma português e estão empenhados na reanimação do tupi na instrução escolar indígena. Similarmente a todas as comunidades que residem na região Nordeste, possuem uma história prolongada de interação com a sociedade não indígena (Souza e Silva, 2018).

A inserção do indígena no Ensino Superior, conforme já destacado neste estudo, enfrenta diversos obstáculos, contudo, para os povos indígenas, a universidade deve transcender os conhecimentos científicos convencionais. Eles buscam uma formação diferenciada da

abordagem ocidental, visando adquirir autonomia e contribuir ativamente na defesa de seus territórios. No entanto, essa batalha está longe de alcançar a realidade desejada pelos povos indígenas, uma vez que as instituições de ensino superior brasileiras, de forma geral, ainda não estão devidamente preparadas para receber e atender às necessidades de um novo modelo de universidade voltado para eles (Felix, 2018).

Partindo para o Campus IV da UFPB, situado nas cidades de Mamanguape e Rio Tinto, a chegada da universidade nesse território se deu em 2006 e com isso os indígenas habitantes dessa região viram a possibilidade de um melhor acesso para ingressar na universidade, ampliando seus conhecimentos e adaptando-se à realidade. A chegada da UFPB nesse território foi imprescindível para a percepção da diversidade de culturas, raças e etnias aqui presentes. Diante desse contexto, é válido afirmar que a universidade desempenha um papel crucial na promoção de transformações sociais, contribuindo significativamente para a criação de novas oportunidades (Barcellos, 2017, p. 11).

Para incentivar ainda mais o ingresso de indígenas no Campus IV da UFPB, foi criado um “cursinho” pré-vestibular, ministrado em cidades como Mamanguape, Rio Tinto e Marcação, dentre outras. Contudo, os resultados são visíveis desde a primeira edição do curso realizado em território potiguara, tornando-se assim uma iniciativa positiva ao ingresso de alunos indígenas no Ensino Superior. Diversos estudos foram formulados acerca dos resultados, como os de Silva, Zampier e Gomes (et al., 2017, p. 22):

O primeiro resultado alcançado em 2007 com a atuação do “cursinho” na aldeia São Francisco, foi a conquista de uma aprovação do primeiro Potiguara na Universidade de Brasília (UnB). No ano seguinte, uma versão mais aperfeiçoada do projeto resultou em um índice bem mais eficiente: a aprovação de 12 indígenas em universidades públicas. Ao longo desse trajeto também pode-se constatar outros resultados. Esse, sem dúvida é um registro que contém a proeza acadêmica do CCAE/UFPB no Litoral Norte: a de possibilitar condições para o acesso de indígenas Potiguara no espaço acadêmico (Silva, Zampier e Gomes et al., 2017, p. 22).

Com isso, é nítido o empenho da UFPB Campus IV em garantir o acesso dos indígenas ao Ensino Superior. São documentados esse e outros projetos que demonstram a preocupação de inserir cada vez mais culturas e etnias diferentes nos espaços acadêmicos, possibilitando a democratização do saber científico e a contribuição dessas culturas à academia.

Outro projeto que contribuiu com apoio ao indígena Potiguara, como mencionado anteriormente, é o Programa de Educação Tutorial (PET) Indígena do Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAIE) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Este projeto foi concebido e aprovado em dezembro de 2010, com o Professor Lusival Antônio Barcellos atuando como tutor do projeto desde dezembro de 2010 até março de 2015. O foco principal do projeto era "O acesso e a permanência do universitário indígena na academia". A proposta subjacente à criação do projeto era tanto facilitar a entrada dos Potiguara no ensino superior como garantir que pudessem se manter nesse ambiente, superando os desafios constantes enfrentados por aqueles que deixavam suas aldeias para ingressar na universidade sem apoio adequado. Podemos obter uma compreensão mais profunda da iniciativa do PET-Indígena ao examinar um fragmento retirado da proposta do projeto elaborada por Barcellos (2010, p.04).

Serão desenvolvidas atividades voltadas para a superação de dificuldades de aprendizagem e melhorias no desempenho no curso de graduação; para a realização de uma pesquisa sobre a realidade indígena e universidade; o desenvolvimento de ações de extensão por meio de um curso pré-vestibular e de atividades culturais (BARCELLOS, 2010, p. 04).

Sobre a efetividade dos projetos realizados em prol do acesso e permanência dos indígenas no Campus IV da UFPB, pode-se analisar o quantitativo de alunos indígenas matriculados, como também de egressos, para confirmar se foram positivas ou não tais ações. Um estudo realizado por Félix (2018) demonstrou o quantitativo de alunos indígenas no Campus IV e em seus resultados, o quantitativo geral de acessos de indígenas ao campus foi de 259, contudo, houve 95 trancamentos, 121 estavam ativos e 43 haviam concluídos cursos de graduação. Quando observamos os dados do curso de Ciências Contábeis, o qual é o foco deste trabalho, na referida pesquisa havia o quantitativo de 10 acessos, com 2 trancamentos, 5 alunos ativos e 3 egressos.

Percebe-se que há um grande quantitativo de indígenas ingressando na universidade nos últimos anos, contudo, o número de trancamentos é muito alto, e isso faz com que a universidade precise analisar os principais motivos que levam estes alunos a evadir, oferecendo aos alunos possibilidades de continuarem seus estudos.

3 Procedimentos metodológicos

O trabalho em questão foi desenvolvido a partir de um estudo de caso, que se dedica a descrever e analisar de maneira detalhada algum caso que apresente particularidades que o tornem especial. Esse tipo de estudo, além de proporcionar uma riqueza de dados, contribui significativamente para diversas áreas do conhecimento. Com isso, pode-se acrescentar que:

Pesquisa que se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo. A coleta dos dados e sua análise se dão da mesma forma que nas pesquisas de campo, em geral. O caso escolhido para a pesquisa deve ser significativo e bem representativo, de modo a ser apto a fundamentar uma generalização para situações análogas, autorizando inferências. Os dados devem ser coletados e registrados com o necessário rigor e seguindo todos os procedimentos da pesquisa de campo. Devem ser trabalhados, mediante análise rigorosa, e apresentados em relatórios qualificados (Severino, 2013, p. 105).

Com isso, a ferramenta utilizada para obter os dados necessários à análise foi o questionário estruturado, contendo o total de 11 (onze) questões objetivas, dívidas em duas seções, e 10 (dez) questões para estabelecer o perfil sociodemográfico dos participantes, a fim de compreender do ingresso à formação do profissional de Ciências Contábeis de etnia indígena no Campus IV.

Ademais, ao pesquisar outros estudos realizados, encontra-se o de Felix (2018) que discorre que no ano de 2018 havia um quantitativo de 259 acessos de indígenas ao Campus IV da UFPB, sendo 95 trancamentos, 121 ativos e 43 concluídos, disponibilizados entre os cursos do campus. Dados referentes ao curso de Ciências Contábeis neste estudo apontaram que havia 10 acessos de indígenas no ano de 2018, sendo 2 trancamentos, 5 ativos e 3 egressos.

Uma pesquisa realizada nos dados da Associação Universitária Potiguara (AUP) através de conversa com a atual presidente, demonstram que o quantitativo de indígenas nos cursos superiores no Campus IV da UFPB são de aproximadamente 300 alunos, conforme dados de 2022, pois o corrente ano ainda não foi completamente computado. A maior concentração de alunos está no curso de Ecologia, que em 2022 possuía 60 alunos ativos de etnia indígena. Quanto ao curso de Ciências Contábeis, a pesquisa em curso identificou o total de 5 alunos ativos.

As questões da pesquisa foram objetivas, sendo duas delas abertas ao participante para escolher ou não apresentar uma alternativa diferente das que lhes foram oferecidas nas perguntas. Algumas das questões disponibilizadas coincidiram com as de Brito (2020), que

realizou uma pesquisa com alunos indígenas do curso de Ciências Contábeis do Campus IV da UFPB. Dessa forma, ao utilizar algumas questões de sua pesquisa e tendo modificado outras para ampliar a pesquisa e as respostas, houve a tentativa de atualizar os achados e verificar possíveis avanços. Perifericamente este trabalho objetivou também fazer a comparação dos dados colhidos com os dados analisados pela pesquisadora. Assim, desde o ano de 2020, aponta-se o que mudou, melhorou ou piorou com relação ao ingresso, permanência e formação do indígena no referido curso.

Os parâmetros utilizados para a comparação entre as respostas desta pesquisa com a de Brito (2020) foi a similaridade das perguntas e alternativas disponibilizadas, assim como das respostas dos participantes, visto que o questionário de Brito foi utilizado como referência para a construção das questões que formaram a pesquisa em pauta.

Para a construção da parte teórica deste trabalho, uma revisão bibliográfica foi realizada mediante livros, artigos e periódicos da internet, bem como na legislação vigente que ampara a educação indígena e o Ensino Superior. Também foram consultados dados de projetos de extensão que abordam temáticas indígenas, como, por exemplo, o PET Indígena, o qual é um grupo composto por 12 bolsistas, criado em 3 de dezembro de 2010 e conta com 12 bolsas disponibilizadas pelo Fundo Nacional de Educação do Ministério da Educação (FNDE/MEC), e “[...] visa promover a formação ampla e de qualidade acadêmica dos alunos de graduação envolvidos direta e indiretamente pelo programa, estimulando a fixação de valores que reforcem a cidadania e a consciência social de todos os participantes e a melhoria dos cursos de graduação” (MEC, 2023, p. 7).

Os dados desta pesquisa foram coletados por meio de um questionário estruturado, que foi aplicado aos estudantes ingressos e egressos do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal da Paraíba, Campus IV, Litoral Norte, Mamanguape — PB. O questionário foi realizado através da plataforma Google Forms, por haver situações em que o encontro presencial, com aluno ou egresso não foi possível, e a ferramenta possibilitou a resposta ao questionário via online.

Os dados colhidos, foram dispostos em gráficos e tabelas através do programa Excel, e a partir de então, realizado o cruzamento de informações com os dados colhidos no estudo de Brito (2020). Esse estudo de Brito (2020) balizou a comparação, por possuir a mesma temática e objeto de estudo, assim como outros estudos realizados acerca da satisfação geral de alunos com o curso de Ciências Contábeis no Campus IV da UFPB. Então, o tratamento dos dados seguiu com as etapas: Organização e codificação dos dados; limpeza e verificação dos dados; análise quantitativa; análise qualitativa; interpretação dos resultados; apresentação dos resultados e conclusões, relacionando à literatura pertinente ao assunto, gerando assim análises estatísticas e frequências.

4 Apresentação e análise dos resultados

Nesta seção do trabalho serão apresentados os resultados obtidos através do questionário aplicado aos alunos de etnia indígena do curso de Ciência Contábeis no Campus IV da UFPB, bem como egressos, atuando profissionalmente na área contábil.

A realização da pesquisa com a aplicação do questionário ocorreu em setembro de 2022, via questionário eletrônico do *Google Forms*®. A partir disso, o questionário obteve o total de 11 (onze) respostas, o que não significa dizer que o curso de Ciências Contábeis não possua mais alunos ou egressos indígenas, contudo, foi a quantidade de pessoas que se disponibilizaram a responder.

4.1. Resultados e discussões da pesquisa

Para a construção destas análises, se optou por as dividir em categorias. A primeira versou sobre o perfil sociodemográfico dos participantes, a segunda sobre a satisfação e motivação dos participantes com relação ao Ensino Superior e ao curso de Ciências Contábeis e a terceira relacionada a questões específicas para o aluno ou egresso indígena do curso de Ciências Contábeis. Os parâmetros utilizados para a identificação dos fatores que inibem ou incentivam o estudante indígena a cursar Ciências Contábeis estão relacionados à satisfação com o curso. Foram avaliados ainda motivos de desistência, percepção da matriz curricular, apoio oferecido aos estudantes indígenas, assimilação de conteúdo, experiência profissional, competências exigidas no mercado de trabalho, e fatores pessoais que dificultam a inserção no mercado.

4.1.1. Perfil sociodemográfico dos participantes

Primeiramente foi importante conhecer um pouco sobre o perfil dos participantes da pesquisa, e para isso, dados como a idade, sexo, informações do quantitativo de egressos e alunos do curso de Ciências Contábeis, bem como outros dados foram coletados no questionário, como apresentado na Tabela 1.

Tabela 1: Perfil sociodemográfico dos participantes da pesquisa.

Situação	Feminino		Masculino		Não informou	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Aluno	1	9,1%	3	27,3%	1	9,1%
Egresso	4	36,4%	2	18,2%	0	0%
Total	5		5		1	

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A tabela 1 acima, demonstra o total de 11 alunos, sendo do sexo feminino 1 aluna (9,1%) e 4 egressas (36,4%), no sexo masculino temos 3 alunos (27,3%) e 2 egressos (18,2%), e 1 aluno(a) não quis informar o sexo (9,1%). A idade dos participantes da pesquisa teve variação entre 18 a 40 anos.

Com relação ao período do curso em que se encontravam, ou se já teriam concluído o curso, 6 participantes (54,5%) responderam que já concluíram o curso, enquanto três deles (27,3%) respondeu que está entre o 1º e o 5º período e outros dois (18,2%) estão entre o 6º e o 10º período.

Tabela 2: Atuação profissional dos participantes da pesquisa.

	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Trabalho em outras áreas	7	63,6%
Trabalho em contabilidade	1	9,1%
Faço estágio em outras áreas	0	0%
Faço estágio em contabilidade	2	18,2%
Sou concursado (a)	0	0%
Cursando Ciências Contábeis e estagiando na Empresa Jr.	1	9,1%
Total	11	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

A tabela 2 apresenta os dados sobre a atuação profissional dos participantes, a maioria (7) respondeu que trabalha em outras áreas, seguindo de dois participantes que fazem estágio na área contábil, um cursando Ciências Contábeis e estagiando na Empresa Jr. e um trabalhando apenas na área contábil.

Todos os respondentes (100%) são da etnia indígena potiguara, e as cidades em que residem são: Baía da Traição (2), Mamanguape (1), Marcação (6), e Rio Tinto (2). Com isso, a

predominância de alunos indígenas é da cidade de Marcação (36,4%). Questionou-se ainda sobre a área da cidade em que residem, seja urbana ou aldeia, a maioria dos respondentes (63,3%) respondeu que moram em aldeia, somando 7 participantes. Um participante mora na zona rural, e outros três na parte urbana das cidades.

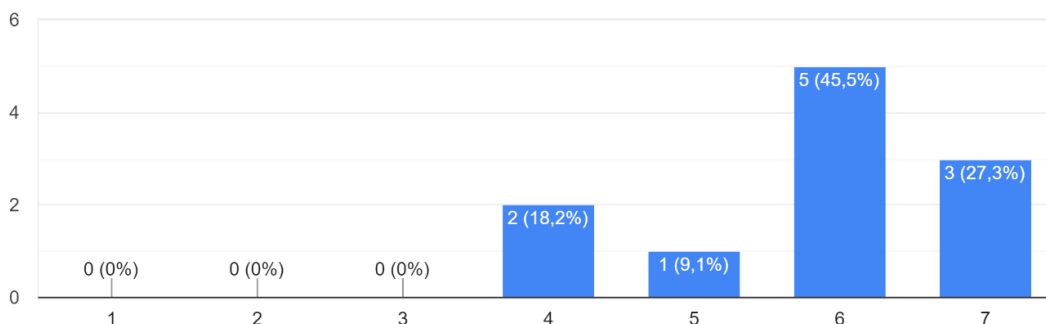
Pesguntou-se também sobre o estado civil, cinco participantes (45,5%) está solteiro ou em união estável e outros seis (54,5%) encontram-se casados. Quando indagados sobre a conclusão do Ensino Médio, oito dos participantes (72,7%) afirmam terem concluído em escolas públicas, enquanto dois (18,2%) concluíram em escolas públicas e particulares e apenas um (9,1%) concluiu apenas em escolas privadas.

4.1.2. Satisfação e motivação dos alunos e egressos do Campus IV da UFPB.

Com relação à primeira pergunta do questionário, versa sobre o nível de satisfação dos alunos indígenas com os cursos da UFPB - Campus IV, utilizando a escala de 1 a 7, em que entre o 1 e o 3 apresenta insatisfação com os cursos, o 4 pouca satisfação e entre o 5 e o 7 muita satisfação. O gráfico do item 1 apresenta os resultados obtidos.

O resultado obtido sugere que a maioria dos alunos (9) está satisfeito com o nível de graduação oferecida pelo Campus IV, o que é significativo, por indicar que os métodos educacionais adotados nos cursos são, em sua maioria, satisfatórios. No entanto, é importante destacar que outras pessoas (2) expressaram pouca satisfação curso, o que pode estar relacionado a diversos fatores, como dificuldades individuais, registradas em questões seguintes.

Gráfico 1: Nível de satisfação do indígena com os cursos da UFPB Campus IV.



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Em resumo, os resultados do gráfico 1 sugerem que a maioria dos alunos indígenas estão satisfeitos com os cursos oferecidos pela UFPB, mas também destacam a importância de ouvir e atender às preocupações daqueles que expressaram pouca satisfação. Essa análise pode servir como um ponto de partida para que a administração do curso possa implementar melhorias e garantir uma experiência positiva para todos os alunos.

Um dos fatores que podem incentivar e gerar satisfação do indígena com os cursos superiores é a possibilidade de receber a Bolsa Permanência, que tem por objetivo “[...] minimizar as desigualdades étnico-raciais e contribuir para a permanência e diplomação dos estudantes de graduação indígenas e quilombolas” e o Campus IV reúne a maior quantidade de atendidos por essa bolsa. Nesse sentido, configura-se como um incentivo ao indígena ingressar e permanecer no curso superior (UFPB, 2022).

Partindo para a segunda questão, foram indagados sobre os possíveis motivos dos alunos indígenas desistirem de cursos superiores, e dentre as respostas, obteve-se na maioria (45,5%) que esses motivos estão relacionados às dificuldades com os custos e despesas, referentes ao deslocamento, como também acesso a materiais didáticos. A segunda resposta mais escolhida

(27,3%) foi a falta de base estudantil, seguida da dificuldade para conciliar estudo e trabalho (18,2%) e a falta de aprendizado, na prática (9,1%), esses dados estão ilustrados na tabela 3.

Tabela 3: Possíveis motivos dos alunos indígenas desistirem de cursos superiores.

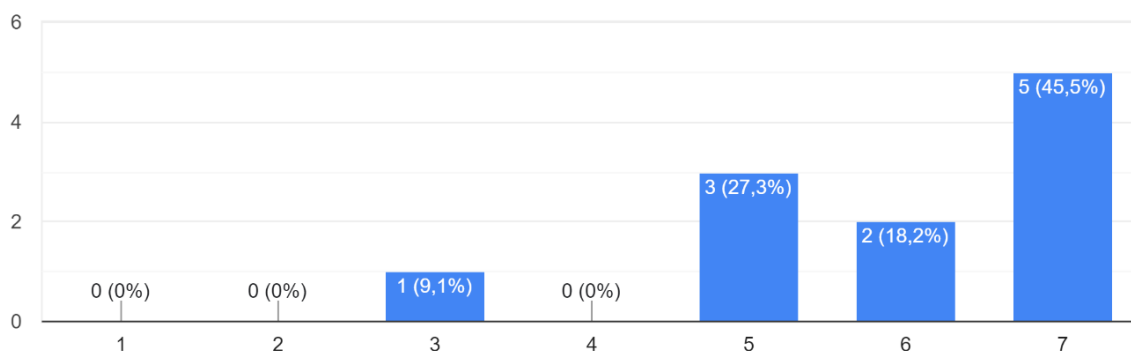
	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Dificuldade para conciliar estudo e trabalho	2	18,2%
Não se identificaram com o curso, pois não tem conhecimentos ou não terem feito testes vocacionais	0	0%
Falta de aprendizado na prática	1	9,1%
Falta de base estudantil	3	27,3%
Dificuldades com custos e despesas, referente a deslocamento e acesso a materiais didáticos.	5	45,5%
Total	11	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Um fator determinante para os alunos indígenas permanecerem em um curso de ensino superior é seu fácil acesso à universidade, com relação ao transporte. Atualmente algumas aldeias que ficam localizadas em lugares mais afastados dos centros das cidades, como em Marcação e Baía da Traição, não possuem transporte que conduza os estudantes da aldeia à cidade, de onde saem os ônibus disponibilizados pelas prefeituras para a Universidade. Esse é um fator que inibe o acesso e permanência do indígena nos cursos superiores, pois aldeias como Cumaru, Tacoeira, Estiva Velha e Grupiuna ficam entre 12 e 15 km de distância do centro da cidade de Baía da Traição, e para se locomoverem da aldeia ao centro da cidade, os alunos indígenas precisam de transporte próprio, realizando um trajeto em estradas de barro e sem iluminação.

Após indagados sobre a satisfação com os cursos do Campus IV da UFPB e sobre os motivos de desistirem de cursos superiores, foi perguntado sobre o nível de satisfação do aluno indígena com o curso de Ciências Contábeis do Campus IV da UFPB. As respostas mais uma vez foram postas em uma escala de 1 a 7, em que entre o 1 e o 3 apresenta insatisfação com os cursos, o 4 pouca satisfação e entre o 5 e o 7 satisfação. O gráfico 2 demonstra os resultados obtidos.

Gráfico 2: Nível de satisfação dos alunos indígenas com o curso de Ciências Contábeis da UFPB, Campus IV.



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Consoante os dados, 10 participantes (91%) estão satisfeitos com o referido curso, por marcarem respostas na escala de 5 a 7, que demonstra mais satisfação do que 1 dos respondentes (9,1%) que não se mostrou satisfeito, marcando a resposta no número 3 da escala.

A satisfação com o curso superior é importante para o bom andamento da graduação. Corroboram com esse entendimento Vieira, Milach e Rupes (2008, p. 2): “A qualidade do curso de graduação e o envolvimento e a satisfação dos acadêmicos com o curso são fatores que determinam o perfil e o desempenho dos profissionais que ingressarão no mercado de trabalho”. Dessa forma, um curso de qualidade e alunos satisfeitos tendem a produzir profissionais mais

preparados e motivados.

Na última pergunta desta categoria, foram indagados sobre os possíveis motivos dos alunos indígenas desistirem de cursar Ciências Contábeis, e as respostas variaram, como demonstra a tabela 4.

Tabela 4: Possíveis motivos dos alunos indígenas desistirem de cursar Ciências Contábeis.

	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Dificuldades para conciliar estudo e trabalho	1	9,1%
Não se identificaram com o curso	0	0%
Falta de aprendizado na prática e assim teria dificuldades para atuar	4	36,4%
Falta de base estudantil que me possibilite me destacar	4	36,4%
Dificuldades com custos e despesas, referente a deslocamento e acesso a materiais didáticos.	2	18,2%
Total	11	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Os respondentes consideram que o maior motivo que leva o aluno indígena a desistir do curso de Ciências Contábeis é a falta de atividades práticas, e assim teriam dificuldade para atuar no mercado de trabalho (36,4%), empatado com a falta de base estudantil que os possibilitassem se destacar no curso (36,4%). Seguido têm-se as dificuldades com os custos e despesas (18,2%), e dificuldades para conciliar o estudo com o trabalho (9,1%).

Podemos comparar estes dados com o estudo de Brito (2020) que realizou o mesmo questionamento ao público de sua pesquisa, e dos 15 respondentes, 9 (60%) relataram que o maior motivo é a dificuldade para conciliar estudo e trabalho, 3 deles (20%) não se identificaram com o curso, seguidos de 1 (6,7%) que mencionou a falta de aprendizado na prática, 1 (6,7%) falta de base estudantil e 1 (6,7%) dificuldades com custos e despesas referentes a deslocamento e acesso a materiais didáticos.

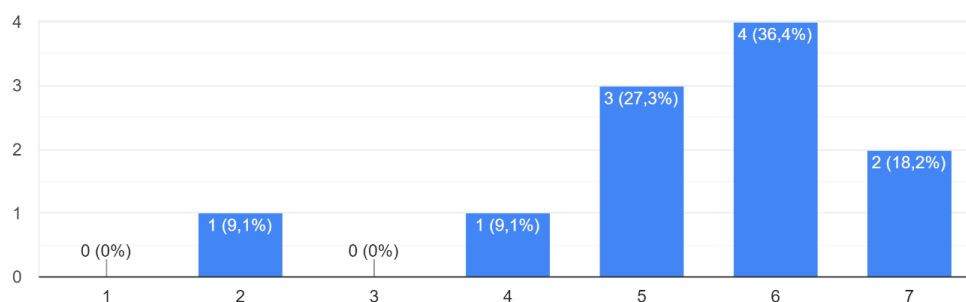
Comparando as pesquisas, percebe-se que demonstram uma mudança de cenário, por sair da pesquisa de Brito (2020) a maior dificuldade sendo conciliar trabalho e estudo para a maior dificuldade nesta pesquisa sendo a falta de aprendizado na prática, empatado com a falta de base estudantil. Uma pesquisa realizada por Silva (2019) também no curso de Ciências Contábeis do Campus IV da UFPB, indagou seus participantes sobre um ponto negativo que obteve peso no curso, e estes responderam em sua maioria (40%) a qual é a falta de prática. Tais dados, corroboram com os respondentes da atual pesquisa, ou seja, pode constituir um problema recorrente no curso de Ciências Contábeis.

4.1.3. Questões específicas para o aluno ou egresso indígena do curso de Ciências Contábeis.

A primeira questão desta parte do questionário indagou aos participantes se a matriz curricular ofertada no curso de Ciências Contábeis do Campus IV Litoral Norte têm atendido e preparado o discente indígena para a necessidade de mercado. As respostas foram registradas em uma escala de 1 a 7, conforme ilustrado no gráfico 3.

Estes dados revelam uma variedade de opiniões, contudo, percebe-se que a maioria dos respondentes (36,4%) atribuiu uma pontuação de 6, indicando uma alta satisfação com a preparação proporcionada pela matriz curricular. Seguidos de pontuação 5 (27,3%) e 7 (18,2%) que também indicam uma satisfatória visão da matriz curricular em atender às necessidades de mercado dos alunos indígenas.

Gráfico 3: Eficácia da matriz curricular em Ciências Contábeis no Campus IV, Litoral Norte.



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

No entanto, 9,1% dos respondentes atribuíram uma pontuação de 2, indicando insatisfação considerável com a matriz curricular e outros 9,1% deram a pontuação 4, sugerindo que alguns observam a matriz curricular como insuficiente para preparar adequadamente os alunos indígenas para o mercado de trabalho. É relevante notar que não houve respostas com a pontuação mais baixa, 1, sugerindo que nenhum respondente considerou a matriz curricular inadequada.

A pesquisa de Barbosa (2020) indagou aos respondentes, que eram alunos concluintes do curso, sobre a satisfação com o curso e com a grade curricular ofertada, e como resultado, 61,9% considera-se parcialmente satisfeitos, enquanto 28,6% sentem-se insatisfeitos, outros 7,1% sentem-se satisfeitos e 2,4% preferiram não opinar. O motivo pelo qual ocorreram estas escolhas, consoante as respostas obtidas pelo pesquisador, foi a necessidade do curso ofertar mais aulas práticas, conduzindo o aluno a uma melhor familiaridade com o mercado de trabalho.

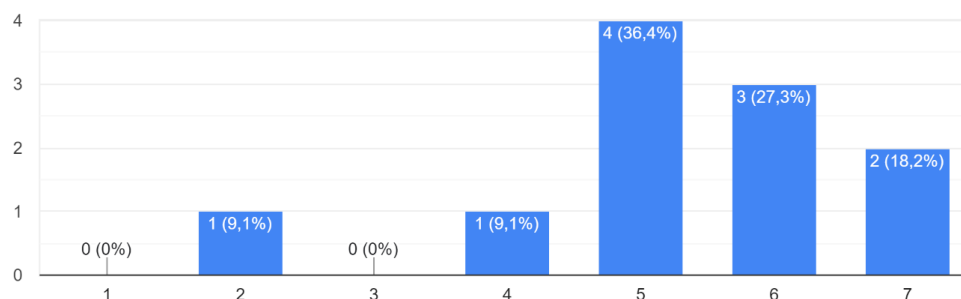
Portanto, entre a pesquisa realizada em 2020 e a presente pesquisa, parece ter ocorrido uma mudança nas percepções dos alunos em relação à matriz curricular. Na pesquisa de Barbosa (2020) a maioria dos alunos estava parcialmente satisfeito, enquanto nesta pesquisa a maioria expressou níveis mais elevados de satisfação com a matriz curricular. É válido ressaltar, que a pesquisa de Barbosa (2020) não foi realizada apenas com alunos indígenas, qualquer aluno concluinte pôde responder.

Entretanto, suas constatações podem ser confrontadas com as dos indígenas e também que esses dados representam a percepção dos alunos em momentos diferentes e podem ser influenciados por vários fatores, incluindo a evolução do curso, do contexto acadêmico e também da diferença de etnia. Na questão de número 2 desta categoria, foram indagados se no Campus IV Litoral Norte os alunos indígenas possuem apoio em suas necessidades como estudantes. E as respostas variaram em sua maioria entre os índices 4 (36,4%) e 3 (27,3%). O gráfico 4 ilustra os índices.

A escolha mais frequente foi o índice 5 (36,4%), seguido por 6 (27,3%), e 7 (18,2%) o que indica que a maior parcela dos participantes percebe o apoio disponível como positivo. Isso sugere que, para muitos discentes indígenas, há apoio em suas necessidades como estudantes. Contudo, é importante destacar que um participante avaliou como nota 4, o que sugere que o apoio oferecido é aceitável, mas não excepcional. Já outro participante atribuiu uma pontuação de 2, indicando insatisfação considerável com o apoio oferecido.

Em resumo, os dados refletem uma diversidade de opiniões em relação ao apoio oferecido aos discentes indígenas. Isso destaca a importância de continuar a melhorar e ajustar os serviços de apoio para garantir que atendam efetivamente às necessidades dos estudantes indígenas e proporcionem uma experiência educacional mais satisfatória.

Gráfico 4: Opiniões dos discentes indígenas sobre o apoio no Campus IV Litoral Norte para suas necessidades acadêmicas.



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Assis (2006) revela que é necessário viabilizar o acesso e manutenção do público indígena ao Ensino Superior, atendendo às suas demandas acadêmicas e sociais e encontrando as alternativas que mais se adéquem a este público, cuidando para que não se repita modelos assistencialistas e estereótipos criados no decorrer da história destes povos.

A terceira questão desta categoria destacam os fatores que influenciam os indígenas a cursarem Ciências Contábeis, e dentre eles, o mais recorrente foi o mercado de trabalho (63,6%), seguindo por influência familiar (18,2%) empatado com o item por ser próximo a sua casa (18,2). Ao comparar com os dados da pesquisa de Brito (2020) percebemos que, em sua pesquisa, todos os participantes escolheram a opção mercado de trabalho, e nesta pesquisa há uma variação nas respostas, mesmo que ainda seja prevaiente o mercado de trabalho. A tabela 5 ilustra estas escolhas.

Tabela 5: Fatores que influenciam os indígenas a cursarem Ciências Contábeis.

	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Mercado de Trabalho	7	61,6%
Indicação de amigos	0	0%
Influência familiar	2	18,2%
Apenas para possuir o nível superior	0	0%
Por ser próximo à minha casa	2	18,2%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Se compararmos estes dados com a pesquisa de Silva (2019) realizada com alunos não indígenas, ela indagou o que influenciou os respondentes a escolherem o curso de Ciências Contábeis, dando as opções; “Ampla mercado de trabalho”, “Proximidade de casa” e “Rentabilidade que o curso proporciona”. Com isso, 60% dos participantes escolheram a opção “Ampla mercado de trabalho”, seguidos de 20% pela proximidade de suas residências e outros 20% pela renda que o curso oferece.

Ao comparar os dados, podemos observar que o “Mercado de Trabalho” é uma influência significativa tanto para estudantes indígenas quanto não indígenas ao escolherem o curso de Ciências Contábeis. Isso sugere que a percepção de boas perspectivas de emprego e carreira na área contábil é um fator comum para ambos os grupos.

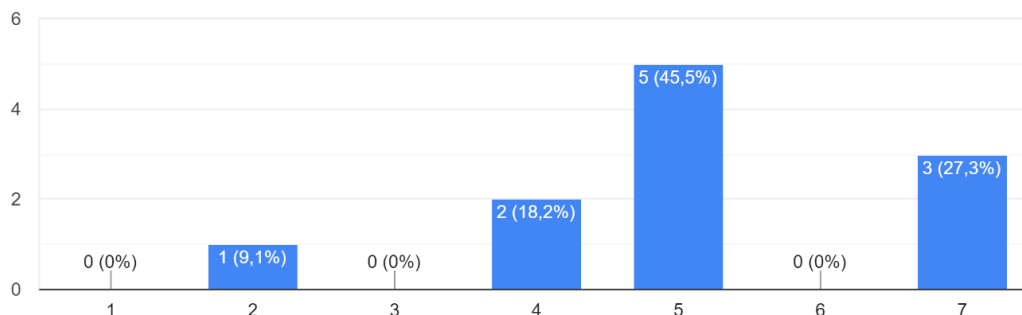
A pergunta seguinte do questionário visou entender se os alunos indígenas de Ciências Contábeis conseguem assimilar todos os conteúdos aplicados durante o curso. E as respostas variaram. A maioria dos respondentes (45,5%) deu uma pontuação de 5, indicando que eles assimilam bem os conteúdos ministrados durante o curso. Isso sugere que uma parcela significativa dos alunos se sente confortável com a compreensão do material apresentado. Outros 27,3% dos respondentes deram uma pontuação de 7, indicando uma assimilação muito alta.

Embora a maioria tenha pontuado entre 5 e 7, é importante notar que alguns respondentes (18,2%) atribuíram uma pontuação de 4, o que sugere haver uma parcela menor, com uma assimilação mediana dos conteúdos. Não é a melhor nem a pior, mas uma compreensão razoável.

Além disso, 9,1% atribuíram uma pontuação de 2, indicando uma assimilação muito baixa. O gráfico 5 demonstra estes dados.

A pesquisa de Brito (2020) utilizou como marcadores para esta mesma questão as opções “Bom”, “Regular” e “Ótimo”. A maioria das respostas concentrara-se em “Bom”, com uma frequência de 73,3%, enquanto outros 13,3% escolheu a opção regular e mais 13,3% a opção ótimo. Ou seja, em comparação com a pesquisa em pauta, podemos notar que ambas as pesquisas indicam que a maioria dos discentes percebe sua capacidade de assimilação positivamente, seja atribuindo uma pontuação alta ou escolhendo a categoria “Bom”.

Gráfico 5: Nível de assimilação dos conteúdos aplicados durante o curso de Ciências Contábeis.



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Já para Ames e Almeida (2021), ao analisar as experiências indígenas no Ensino Superior, revelaram que estes estudantes enfrentam maiores dificuldades do que aqueles não indígenas ao adentrar à universidade. Relatam, entre outros motivos, não terem planos de ingressar na universidade, o que levou à falta de preparação para exames de admissão, bem como na escolha do curso, como também a formação escolar precária, que não os preparou adequadamente para os requisitos universitários (Ames e Almeida, 2021). Por fim, a falta de diálogo intercultural na universidade, incluindo a escassa inclusão de temas indígenas nas disciplinas, também contribui para essas dificuldades.

A quinta pergunta desta categoria indagou sobre a situação que descreve a atual experiência profissional dos participantes. A tabela 6 indica os resultados.

Tabela 6: Situações que descrevem a atual experiência profissional dos participantes.

	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Trabalho em outras áreas	5	45,5%
Apenas estudo Ciências Contábeis	2	18,2%
Faço/Fiz estágio em Contabilidade	2	18,2%
Nem trabalho e nem faço estágio	1	9,1%
Atualmente trabalho na área	1	9,1%
Total	11	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A maioria dos participantes (45,5%) encontram-se trabalhando em outras áreas, seguidos de 18,2% apenas estudando, outros 18,2% fazendo ou já fez estágio em Contabilidade, 9,1% não trabalha e nem faz estágio e 9,1% atualmente trabalha na área da Contabilidade. Em comparação com a ocupação profissional dos participantes da pesquisa de Brito (2020), demonstrou-se que 60% de seus respondentes ocupavam cargos em outras áreas, 26,7% apenas estuda e 13,3% fazem estágio em contabilidade. Então, percebe-se que há similaridade entre as pesquisas, pois a maioria trabalha e outras áreas, contudo, na pesquisa anterior, nenhum dos respondentes ocupa um cargo no setor contábil, enquanto nesta pesquisa 1 pessoa trabalha na área do referido curso.

A ocupação de cargos em outras áreas diferentes da área contábil, pode dar-se devido à

inexistência de empresas nas aldeias, pois no contexto local, nas aldeias do Litoral Norte da Paraíba, quanto em outras localidades, é proibida a abertura de CNPJ com o endereço da aldeia. Esse fator inibe a abertura de empresas do ramo contábil pelos alunos indígenas egressos do curso de Ciências Contábeis, bem como obterem clientes como Pessoa Jurídica nessas aldeias, dificultando o ingresso do indígena no mercado de trabalho contábil.

Sobre a sexta pergunta do questionário, as competências mais exigidas dos profissionais contábeis recém-inseridos no mercado de trabalho foram investigadas, conforme a opinião dos participantes. Revelou-se que a maioria dessas experiências são em determinadas áreas, como a fiscal, contábil, custos, entre outras, somando uma frequência relativa de 81,1%. Outros dois participantes (18,2%) consideram que aos conhecimentos específicos em softwares de contabilidade fazem a diferença para o profissional recém-inserido no mercado, sendo uma das competências mais requisitadas. A tabela 7 demonstra os resultados.

Tabela 7: Competências mais exigidas do profissional contábil recém-inserido no mercado de trabalho de acordo com a opinião dos participantes.

	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Experiência em determinada área (Fiscal, Contábil, Custos, etc)	9	81,8%
Falar outra língua	0	0%
Domínio sobre pacotes do Office (Word, Excel, etc.)	0	0%
Conhecimentos específicos em softwares de contabilidade	2	18,2%
Total	11	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A questão seguinte indagou sobre os aspectos pessoais que dificultam a inserção dos profissionais indígenas no mercado de trabalho, e a maioria dos respondentes (81,8%) considera que é a pouca ou nenhuma experiência, seguidos de 18,2% que afirmam ser a falta de oportunidade ou preconceito com a etnia. A pesquisa de Brito (2020) revelou que 53,4% dos respondentes acreditam que a pouca ou nenhuma experiência é o real motivo, enquanto 33,3% considera a falta de oportunidade ou preconceito com a etnia.

Tabela 8: Aspectos pessoais que dificultam a inserção dos profissionais indígenas de Contabilidade no mercado de trabalho sob a visão dos participantes.

	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Pouca ou nenhuma experiência	9	81,8%
Falta de oportunidade ou preconceito com a etnia	2	18,2%
Pouca qualificação	0	0%
Distância de residência	0	0%
Total	11	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

É possível analisar a necessidade de se criar mais oportunidades para a população indígena no mercado de trabalho, pois de acordo com dados da PNAD Contínua do IBGE demonstrou que em 2022 o total de 49,9 mil pessoas indígenas estavam desempregadas, e destas, 34,1% possuem o Ensino Superior completo. Ou seja, a inclusão dos povos indígenas no mercado de trabalho ainda é um problema a ser resolvido (Synergia Socioambiental, 2023).

5 Considerações finais

A pesquisa realizada neste trabalho ofereceu uma visão abrangente das experiências e percepções dos alunos indígenas do curso de Ciências Contábeis no Campus IV da UFPB. Foram identificados alguns dos maiores desafios enfrentados pelos alunos indígenas no curso de Ciências Contábeis no Campus IV da UFPB. Alguns desses desafios incluem dificuldades

financeiras, pois os custos relacionados ao deslocamento para a universidade, bem como a aquisição de materiais didáticos, foram mencionados como desafios significativos. Alguns alunos mencionaram a dificuldade em equilibrar suas responsabilidades de estudo com o trabalho. Isso pode ser resultado da necessidade de trabalhar para custear seus estudos e despesas pessoais.

Muitos alunos indígenas enfrentam o desafio de ingressar na universidade sem uma base sólida de educação prévia, conforme menciona o referencial teórico consultado. Isso pode tornar a adaptação ao Ensino Superior e ao currículo universitário mais difícil. A falta de oportunidades para aprender na prática, particularmente em relação às demandas do mercado de trabalho na área contábil, foi identificada como um desafio, tanto nesta pesquisa como em pesquisas anteriores, discutidas neste trabalho. Os alunos expressaram a necessidade de mais experiência prática durante o curso para se sentirem mais preparados para o mercado de trabalho.

Quanto ao cumprimento dos objetivos deste trabalho, os fatores que incentivam a escolha do curso foram claramente identificados, com o mercado de trabalho sendo o principal motivador. Além disso, as expectativas e dificuldades enfrentadas pelos alunos ao longo de sua formação foram exploradas, fornecendo uma visão detalhada das experiências dos estudantes indígenas. Quanto a inserção do aluno indígena no mercado de trabalho, em ambas as pesquisas, a maioria dos participantes trabalha em outras áreas que não a Contabilidade. Isso sugere que uma parcela significativa dos alunos indígenas está buscando oportunidades de emprego fora de sua área de formação.

Com base nos dados coletados, foi possível identificar áreas onde as melhorias são necessárias para promover a inclusão e a valorização dos alunos indígenas no curso de Ciências Contábeis. Essas melhorias devem ser aplicadas na promoção de experiências práticas durante o curso, no incentivo ao diálogo intercultural, como também auxiliar ao aluno indígena a conciliar o curso com o emprego, já que existe uma grande demanda que necessita trabalhar para custear as despesas com a universidade.

É crucial ressaltar que a promoção da inclusão e do sucesso acadêmico dos estudantes indígenas no Campus IV da UFPB requer a implementação de medidas específicas. Em resposta às preocupações levantadas pelos alunos indígenas, é recomendável que a universidade considere a negociação de um sistema de transporte que facilite o acesso desses alunos às suas aldeias, garantindo que a distância geográfica deixe de ser uma barreira para sua permanência no curso. Além disso, é essencial oferecer programas de aprendizado prático mais robustos, proporcionando oportunidades de experiência no campo de Ciências Contábeis.

A UFPB pode ainda ofertar ao aluno indígena assessoria acadêmica ou tutoria, por meio de programas de estudo que respeitem a cultura indígena e incluam conteúdo relevante para as comunidades indígenas. Também o aconselhamento de carreira e encaminhamento ao mercado de trabalho para auxiliar os estudantes indígenas na busca de oportunidades de estágio e emprego após a graduação, que pode ocorrer mediante parcerias com empresas do ramo contábil. Por fim, realizar pesquisas e avaliações regulares para entender as necessidades e desafios específicos enfrentados pelos estudantes indígenas e adaptar as políticas e programas em conformidade.

Este trabalho se torna importante à comunidade acadêmica indígena e também à academia na totalidade, por demonstrar os desafios enfrentados pelos indígenas no ingresso e permanência na universidade, bem como no ingresso ao mercado de trabalho, sugerindo melhorias e alternativas que viabilizem essas jornadas. As sugestões e recomendações podem ainda servir como base para a formulação de políticas e programas educacionais à universidade, visando a redução das desigualdades e o fortalecimento da diversidade cultural no Ensino Superior.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Luiz Henrique Eloy; BROSTOLIN, Marta Regina. **Educação Superior Indígena: desafios e perspectivas a partir das experiências dos acadêmicos indígenas da UCDB**. IV Seminário povos indígenas e sustentabilidade: saberes tradicionais e formação acadêmica, 2011. Disponível em: <http://flacso.redelivre.org.br/files/2013/02/1020.pdf>. Acesso em: 14 maio de 2023.
- AMES, Valesca Daiana Both; ALMEIDA, Marilis Lemos de. **Indígenas e ensino superior: as experiências universitárias dos estudantes Kaingang na UFRGS**. Sociologias, Porto Alegre, ano 23, n. 56, jan./abr 2021, p. 244-275. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/RyzKkWdwLxxKf94kfb3rfC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 out. 2023.
- ARAÚJO, A. P. L. de. **História dos índios no Brasil**. Editora Contexto. 2017.
- ASSIS, Valéria Soares de. **Avaliação de Alunos indígenas na Universidade Federal de Maringá: um ensino adequado à diversidade sociocultural**. Estudos em Avaliação Educacional, v. 17, n. 33, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/eae/v17n33/v17n33a04.pdf>. Acesso em: 06 out. 2023.
- BANIWA, Gersem. **A lei das cotas e os povos indígenas: mais um desafio para a diversidade**. Cadernos do Pensamento Crítico Latino-Americano. Fórum: 2023. Disponível em: <http://flacso.redelivre.org.br/files/2015/03/XXXVcadernopensamentocritico.pdf>. Acesso em 15 maio 2023.
- BARBOSA, Huan Carlos Salvino da Silva. **O mercado de trabalho da profissão contábil no olhar dos alunos de Ciências Contábeis da UFPB Litoral Norte**. Mamanguape, 2020. 15 f. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/28545/1/HuanCarlosSalvinodaSilvaBarbosa__TCC.pdf. Acesso em: 06 out. 2023.
- BARCELLOS, Lusival. **Práticas Educativo-Religiosas dos Índios Potiguara da Paraíba**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.
- BARCELLOS, Lusival. **Programa de Educação Tutorial. O acesso e a permanência do universitário indígena na academia**. João Pessoa: 2010. (mimeo.).
- BRASIL. **Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973. Dispõe sobre o Estatuto do Índio**. Brasília: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6001.htm. Acesso em: 10 abril 2023.
- BRITO, Stefhanny Pereira de. **EDUCAÇÃO CONTÁBIL E A FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS INDÍGENAS: A experiência no curso de Ciências Contábeis da UFPB – Campus IV**. Universidade Federal da Paraíba. Trabalho de Conclusão de Curso. Mamanguape- PB, 2020. 12f.
- CANTERO, Angela López. **A educação superior indígena do povo Potiguara sob uma perspectiva decolonial**. Campina Grande, 2021. 180 f. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/19492/3/ANGELA%20L%20c%93PEZ%20CANTERO%20-%20TESE%20PPGCS%20CH%202020.pdf>. Acesso em 2 jun. 2023.
- CARDOSO, Thiago Mota; GUIMARÃES, Gabriella Casimiro. (Orgs.). **Etnomapeamento dos Potiguara da Paraíba**. Brasília: FUNAI/CGMT/ CGETNO/CGGAM, 2012. 107p.
- ENAP – Escola Nacional de Administração Pública. **Acesso aos direitos fundamentais: uma abordagem da pauta indígena. Módulo 1: A história dos povos indígenas brasileiros**.

Brasília: DF, 2021. Disponível em:
<https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/6820/3/M%C3%B3dulo%20%20-%20Pol%C3%ADticas%20p%C3%ABlicas%20ind%C3%ADgenas.pdf>. Acesso em 14 abril de 2023.

FELIX, Iranilza Cinesio Gomes. **A Alteridade e a Espiritualidade dos Universitários Potiguara da Paraíba**. João Pessoa, 2018. 116 f. Disponível em:
https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/19738/1/IranilzaCinesioGomesFelix_Dissert.pdf. Acesso em: 25 out. 2023.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Resultados. Microdados / Censo da Educação Superior 2009**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>. Acesso em: 05 maio 2023.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Resultados. Microdados / Censo da Educação Superior 2019**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>. Acesso em: 05 maio 2023.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Resultados. Tabelas de Divulgação | Censo da Educação Superior 2021**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>. Acesso em: 05 maio 2023.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Com a coleta concluída na TI Yanomami, Censo já registra 1.652.876 pessoas indígenas em todo o país**. Comunicação do IBGE. 03 de abril de 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/pt/novo-portal-destaques/36595-com-a-coleta-concluida-em-tis-yanomamis-censo-ja-registra-1-652-876-pessoas-indigenas-em-todo-o-pais.html>. Acesso em: 15 abril 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Ensino Superior: Entenda as cotas para quem estudou todo o Ensino Médio em escolas públicas**. 2012. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html>. Acesso em: 10 abril 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. **EDITAL Nº 12 / 2023 - PRG - CPPA (11.00.48.04)** Nº do Protocolo: 23074.025131/2023-39. João Pessoa-PB, 20 de Março de 2023. Disponível em:
https://www.prg.ufpb.br/prg/programas/pet/arquivos/edital-pet-indigena-2023_revisado_final.pdf. Acesso em: 28 out. 2023.

NAÇÕES UNIDAS. **Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas**. Rio de Janeiro: UNIC/ Rio/ 023 – Mar, 2008. Disponível em:
https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Declaracao_das_Nacoes_Unidas_sobre_os_Direitos_dos_Povos_Indigenas.pdf. Acesso em: 10 abril 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 1. ed. -- São Paulo: Cortez, 2013

SILVA, E. C. de A. (2018). **Povos indígenas e o direito à terra na realidade brasileira**. Serviço Social & Sociedade, (133), 480–500. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ssoc/a/rX5FhPH8hjdLS5P3536xgxf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 abril de 2023.

SILVA, Glaucia Brito da. **Universidade e inserção no mercado de trabalho: percepção dos egressos do curso de Ciências Contábeis da UFPB - Campus IV**. Mamanguape, 2020. 16 f. Disponível em:

https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/28543/1/Gl%c3%a1uciaBritodaSilva___TCC.pdf. Acesso em: 06 out. 2023.

SILVA, Tamara Rodrigues da; SOUSA, Maria Fabiana Pereira. **Potiguara, um povo de memórias**. João Pessoa: Ideia, 2018. 53p.

SILVA; ZAMPIER; GOMES et al. Apropriação da cultura universitária nos 10 anos do CCAE: contribuições do PET indígena e cursinho pré-vestibular junto ao povo potiguara In: Aline Cleide Batista et al. (org.). **Uma década de expansão universitária: estudos sobre o Vale de Mamanguape: v. I**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017.

SYNERGIA SOCIOAMBIENTAL. **Menor participação indígena no mercado de trabalho revela vulnerabilidades dessas populações também em outras áreas**. 2023. Disponível em: <https://www.synergiaconsultoria.com.br/fique-por-dentro/participacao-indigena-no-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 08 out. 2023.

UFPB - UFPB divulga edital para seleção de bolsistas do PET Indígena. Rio Tinto, 2023. Disponível em: <https://www.ufpb.br/ufpb/contents/noticias/ufpb-divulga-edital-para-selecao-de-bolsistas-do-pet-indigena>. Acesso em 2 jun. 2023.

UNESCO. **Educação Superior Indígena na América Latina: desafios e perspectivas**. Brasília: UNESCO, 2018.

VIEIRA, Kelmara Mendes; MILACH, Felipe Tavares; RUPES, Daniela. **EQUAÇÕES ESTRUTURAIS APLICADAS À SATISFAÇÃO DOS ALUNOS: UM ESTUDO NO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**. R. Cont. Fin., USP, São Paulo, v. 19, n. 48, p. 65 – 76, set./dez., 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rcf/article/view/34271/37003>. Acesso em 05 out. 2023.